

O CONCEITO DE PERVERSÃO NA SCIENTIA SEXUALIS E NA PSYCHOPATHIA SEXUALIS DE KRAFFT-EBING

Lucas Carvalho Peto¹

Resumo: Objetiva-se elucidar o conceito de perversão no cerne da *scientia sexualis* do século XIX e na *psychothia sexualis* de Krafft-Ebing. Para tanto, parte-se de breve contextualização acerca da configuração político-econômica europeia nos séculos XVIII e XIX. Posteriormente, são apresentadas análises sobre a configuração epistemológica do discurso médico no século XIX. No cerne dessa configuração epistemológica, interessam os fundamentados que embasam os postulados de base orgânico-positivista, a *scientia sexualis*, acerca do conceito de perversão no século XIX. Por fim, são analisados os postulados de Krafft-Ebing acerca da perversão.

Palavras-chave: Epistemologia da Psicologia. História das Ideias Psicológicas. Sexualidade.

INTRODUÇÃO

Neste artigo², objetiva-se elucidar o conceito de perversão no cerne da *scientia sexualis* do século XIX e na *psychothia sexualis* de Krafft-Ebing. Para tanto, parte-se de breve contextualização acerca da configuração político-econômica europeia nos séculos XVIII e XIX.

A partir do século XVIII, intensificando-se no século XIX, houvera um esforço para engendrar uma visão do corpo e das práticas sexuais, compatível com a ordem social. Esta compatibilidade se coadunava com o respeito à religião e o contínuo aumento demográfico. Além disso, era impulsionada pela crescente demanda por mão de obra. As incitações econômicas e políticas demandavam utilidade às práticas sexuais. Práticas regulares, e reguladas, administradas pelo poder público em prol do “bem-estar” da população. Estas práticas configuravam-se como ponto nevrálgico das questões políticas e econômicas (FOUCAULT, 1998, 2008).

Neste contexto, o corpo emergira como agente de práticas sexuais transgressivas, configurando-se como lugar primevo de “crimes” contra a religião, a moral e a sociedade. O

¹ Mestrando em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis. E-mail: lucaspeto@gmail.com

² Agências financiadoras: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP – processo 2011/09475-6).

corpo apareceu como algoz das impotentes “[...] restrições sociais que visam conter as práticas sexuais dentro dos limites estabelecidos pelas convenções e pelas leis” (GRIECO, 2009, p.217).

A partir do início do século XIX o eixo se deslocara do aumento populacional para a disciplinarização dos sujeitos. O discurso desenvolvido a partir do século XIX intentava menos uma defesa da sociedade do que um combate às “anormalidades”. Para Foucault (2001, 2002), partindo-se do problema jurídico da responsabilidade se desvelara a molecularidade da periculosidade. É a partir dessa configuração que o discurso médico-positivo, o discurso científico, adquirira primazia sobre as práticas sexuais.

1 A BASE EPISTEMOLÓGICA DO DISCURSO MÉDICO DO SÉCULO XIX

No século XIX, o discurso médico estava em plena evolução epistemológica (GIAMI, 2005). O discurso médico sobre as práticas sexuais e, de forma mais específica, sobre a perversão, também oscilava. Esta oscilação se definia pela alternância entre a primazia do somático, do anátomo-fisiológico, e a primazia do sistema nervoso. Giami (2005) mapeia dois “estilos” de raciocínio dominantes. O estilo de raciocínio anatômico, que diria respeito principalmente à medicalização da masturbação como conduta e como etiologia de toda uma série de perturbações somáticas. E o estilo de raciocínio psiquiátrico, que rompe com a abordagem anatômica da sexualidade e que contribui para a emergência da sexualidade moderna.

Na gênese desta configuração discursiva da medicina do século XIX jaz a influência dos postulados de Comte e Claude Bernard (CANGUILHEM, 2000). Ambos influenciaram as conceitualizações acerca dos fenômenos “normais” e “patológicos”, nos discursos médicos e filosóficos do século XIX. Os postulados comtianos difundiram-se largamente na literatura médica e psicológica. A extensão da profusa influência de Bernard sobre a medicina, e a filosofia, do século XIX não é menor.

Nos escritos de Comte, o patológico instaura leis para o normal. As variações do estado patológico ordenam o estado normal, porquanto o estado patológico figura “[...] como substituto de uma experimentação biológica muitas vezes impraticável – sobretudo no homem” (CANGUILHEM, 2000, p. 23). Com efeito, afirma-se a identidade entre normal e

patológico para determinar-se o primeiro. Renan apoia-se nas teses comtianas para assegurar a primazia dos estados desviantes sobre os “ordinários”. Corroborando os escritos de Comte, Renan afirma, que “[...] a psicologia da humanidade deverá ser edificada, sobretudo, a partir do estudo das loucuras da humanidade, de seus sonhos, de suas alucinações” (CANGUILHEM, 2000, p. 24). As concepções comtianas influenciaram também a metodologia de Ribot. Para estes, o estado patológico é uma experimentação sutil que atinge o inacessível. Logo, ao debruçarem-se sobre o estudo do patológico, os médicos, cientistas, psicólogos e literatos, dispunham de um meio poderoso, fecundo em resultados, para postular sobre o normal.

O inverso caracteriza o pensamento de Claude Bernard. Visando-se racionalizar o patológico, os estudos de Bernard dirigem-se do normal para o patológico. Da terapêutica em rompimento com o empirismo, a fisiologia emerge como dispositivo para desnudar o patológico. Sobre essa fisiologia-anatomia-morfologia pura debruçam-se os médicos. Reverberando as ideias de Bernard, o discurso médico do século XIX reitera a indissociável conexão entre fisiologia e patologia. Ela subjaz e inscreve-se no corpo, sustenta suas condutas, é o princípio ativo destas condutas. Neste cenário, apresentam-se os perversos, perversos sexuais, como espécie.

2 A SCIENTIA SEXUALIS DO SÉCULO XIX

A partir do século XIX, o discurso científico-positivo, com seu expoente maior nos postulados médicos, ascendera sobre as práticas sexuais. Porém, ao longo do século XIX, dois registros diversos, inerentes a esse discurso, circunscreveram tais práticas. Uma biologia reprodutiva, amparada em uma normatividade científica geral e uma medicina do sexo, uma *scientia sexualis* (FOUCAULT, 1988). A última, caudatária de fontes extrínsecas ao discurso científico, se pautara na cientificidade da primeira como caução para encobrir demandas morais, econômicas, políticas, sociais e culturais.

Os postulados da *scientia sexualis* sobre as práticas sexuais operaram, concomitantemente, com caráter epistêmico duplo. Como fragmento da *episteme positiva*, científica, e como *episteme* da *doxa*, calcada nas categorias penais e nas demandas socio-econômicas. Não se pode

[...] esquecer que é a doxa que delimita o campo dos fenômenos que a episteme irá tratar: a opinião vem indicar o campo dos comportamentos perversos e o conhecimento, em relação a ele, permanece tributário da opinião, ainda que modifique, ao longo do trajeto, a extensão do campo. Por isso é que, restringindo-se diligentemente às distinções necessárias, deveremos, ao mesmo tempo, elucidar um certo número de teorias psicopatológicas das perversões e compreender suas relações com as representações sociais que ajudam nossa cultura a se conformar com a existência das perversões e com a presença dos perversos (LANTÉRI-LAURA, 1994, p.14).

Ancorada na positividade científica, a *scientia sexualis* se referia à perversão como expressão de aberrações congênitas, extravagâncias excepcionais, anulações patológicas e exasperações mórbidas. No centro discursivo da medicina do sexo, colaram-se às perversões termos de patologias biológicas, hereditárias e orgânicas. Instaurou-se um discurso menos preocupado em se interrogar acerca da pretensa gênese biológica da perversão e mais propenso a erradicar os danos provenientes desse imaginário flagelo. A perversão emergira como traço “individual” de degenerescência. Este estaria conectado, diretamente, à má formação do aparelho urogenital (ROUDINESCO, 2008).

O sexo fora colocado no centro do discurso para, através dele, manifestar-se o inaudível sujeito (FOUCAULT, 1988). “Personalidade pouco estruturada”, “má apreciação do real”, “profundo desequilíbrio afetivo”, “sérios distúrbios emocionais”: do delito à maneira de ser, intentara-se provar, alicerçando-se na irrefutabilidade da verdade científica, como do ato à conduta, a tendência à perversão subjaz no âmago dos sujeitos (FOUCAULT, 2001). Com efeito, através da escruta, mensuração, classificação e correção, pretendia-se prevenir desvios. Impedir o triunfo da animalidade sobre a civilização porque “[...] em seu foro íntimo, o animal humano podia então transformar-se, a qualquer momento, numa besta humana” (ROUDINESCO, 2008, p.84). Para além do determinismo biológico, a *scientia sexualis* versava sobre uma ontologia perversa.

O “perverso” aparecera como incapaz de se integrar ao mundo. Alguém com pendores para a desordem, “[...] que comete atos extravagantes, ou extraordinários, que odeia a moral, que renega as leis e pode chegar ao crime” (FOUCAULT, 2001, p.22). O ódio à moral advém de distúrbios genéticos. O gosto pela desordem instaura-se no momento mesmo do nascimento, ou antes, na concepção. Os atos extravagantes eram sublimações de forças naturais impossíveis de serem controladas; o crime se desdobrou em consequência última de

uma natureza distorcida, encenação final do teatro do grotesco. A *scientia sexualis* passou a centrar-se não mais nos delitos, ou nas condutas irregulares, mas na origem dessas condutas.

Para auscultar essas condutas, a *scientia sexualis* lançou mão da confissão, a *exagourese*. A partir da *exagourese* se reconstituíam as virtualidades, imagens, obsessões e perigos que poderiam derivar das práticas sexuais. Cinco mecanismos embasam a cientificidade dessa extorsão da confissão sexual. Primeiro: codificação clínica, fazer surgir da confissão um conjunto de sintomas cientificamente inteligíveis, registrando o procedimento confessional no campo dos dados mensuráveis. Segundo: postulado de causalidade geral e difusa, entendem-se as práticas sexuais como causa inesgotável e polimorfa, estando o menor desvio, excesso ou déficit, condicionado a variadas consequências. No discurso médico do século XIX, a etiologia sexual estava no cerne de quase todas as doenças e/ou distúrbios. Dos hábitos das crianças “[...] às tísicas dos adultos, às apoplexias dos velhos, às doenças nervosas e às degenerescências da raça, a medicina de então teceu toda uma rede de causalidade sexual” (FOUCAULT, 1988, p.64-65). Terceiro: princípio de latência intrínseca, no século XIX a confissão, cientificamente codificada, integrada a um projeto de discurso científico, não elucidava tão somente o obscuro do sujeito para o próprio sujeito, mas a própria obscuridade inerente às práticas sexuais. A mecânica da esquiva, clandestinidade da perversão, só revela-se na transmutação da confissão em exames, cirurgias, procedimentos compreendidos unicamente pelos detentores do saber científico. Quarto: método de interpretação duplicatário, complementar do princípio da latência, onde decifram-se os dados, formatando-os em regularidades quantitativas, transfigurando-os em possibilidades e riscos. Por fim, medicalização dos efeitos da confissão, inscrição das práticas sexuais no regime normativo patológico, aparecimento da morbidez nas práticas sexuais.

No discurso da medicina positivista, na *scientia sexualis*, as práticas sexuais consideradas “desviantes”, “perversas”, emergiram como patologia de caráter orgânico. Derivara dessa classificação técnica a transfiguração da posição dos sujeitos: de agentes ativos a objetos passivos. Recorrendo às minúcias de um entomologista, à precisão de um cirurgião e à neutralidade de um cientista, o discurso médico-positivo, a medicina do sexo, através de reeducação, adaptação, não mais de punição, pretendia eliminar taras, conduzir ao padrão ótimo os degenerados, devolver à civilização os “arruinados” pelos traços indelévels da inerente inferioridade animalésca do ser humano (ROUDINESCO, 2008).

3 A *PSYCHOPATHIA SEXUALIS* DE KRAFFT-EBING

Nos postulados de Krafft-Ebing (2001) as práticas sexuais aparecem como desvios e anomalias. Os perversos, nos escritos de Krafft-Ebing, são frutos de uma natureza inversa desviada, malograda, decaída. São o triunfo da animalidade sobre a civilização. Krafft-Ebing conceitua as “perversões” como anomalias funcionais. Tais anomalias funcionais, por sua vez, “[...] são basicamente sinais de uma condição doentia hereditária do sistema nervoso central” que constituem “sinais funcionais de degeneração” (KRAFFT-EBING, 2001, p.5). Sintetizando as anomalias funcionais em 238 casos clínicos, Krafft-Ebing percorre todas as classes sociais para reafirmar o caráter corruptor das “perversões sexuais”. O horizonte das personagens de Krafft-Ebing circunscreve uma imensidão diversa, variando de camponeses “idiotas”, ou “idiotas” da cidade, exibindo seus órgãos sexuais, penetrando animais, até professores transvestidos, passando por necrófilos da alta sociedade, travestis disfarçados, pais estupradores e aliciadores, religiosos blasfemantes entregues à prostituição etc. O denominador comum entre personagens tão distintas é a perversão. Inata e orgânica.

De acordo com Krafft-Ebing, as anomalias fisiológicas, os desvios orgânicos, são o *locus* primordial para a investigação das estruturas dos sujeitos. O autor cerceia sadismo, masoquismo, fetichismo, e *sexualidade antipática*, na categoria das neuroses cerebrais. Essas anomalias cerebrais conduzem frequentemente aos atos criminosos e perversos (KRAFFT-EBING, 2001).

Para Krafft-Ebing (2001), o conjunto das anomalias cerebrais é formado por (1) *parestesia*, (2) *paradoxia*, (3) *anestesia* e (4) *hiperestesia*. Na *parestesia*, enquadram-se as “perversões do instinto sexual”, definidas como “[...] excitabilidade das funções sexuais por estímulos inadequados” (KRAFFT-EBING, 2001, p.7). Classificam-se sadismo, masoquismo, fetichismo, e a *sexualidade apática*, como subdivisões da *parestesia*. A *paradoxia* é definida como excitação sexual decorrente de fontes extrínsecas aos processos fisiológicos. A *anestesia*, ausência de instinto sexual, caracteriza-se pela não excitação sexual decorrente dos impulsos orgânicos advindos dos órgãos sexuais. Na *satiríase*, desejo acentuado, ou *hiperestesia*, ao contrário da anestesia, há excesso de excitabilidade sexual em resposta aos estímulos orgânicos, psíquicos ou sensoriais, caracterizando luxúria e lascívia, provenientes

de libido excessiva.

Conceituando o *sadismo*, Krafft-Ebing (2001) afirma que os atos “sádicos” se relacionam com a impotência do indivíduo “pervertido”. Segundo ele, sofrendo de impotência psíquica ou espinhal, o sádico, para equivaler ao coito, estrangula, perfura, flagela, comete atos de violência contra pessoas ou animais. O sadismo, para o autor, caracteriza-se por uma associação de volúpia e crueldade, que, a partir de uma fisiologia malograda, “[...] torna-se fortemente marcada por uma base psiquicamente degenerada” (KRAFFT-EBING, 2001, p.7). Na descrição de um dos casos, o caso 30, apresentado como exemplar de sadismo, a excitação sexual une-se às “graves taras hereditárias” e à tendência criminosa.

O *masoquismo*, para Krafft-Ebing, configura-se como o inverso do sadismo. No *masoquismo*, o êxtase advém da própria sujeição a atos violentos. Para Krafft-Ebing (2001), decorrente do estágio de potência, ou impotência, espinhal ou psíquica, do indivíduo. A violência infligida a outrem funciona como prévia do coito e em concomitância com o mesmo. Para ele, atos perpetrados por um masoquista, como a procura por castigos corporais, flagelação passiva, humilhações etc., são diretamente proporcionais à intensidade do instinto perverso.

Quanto ao fetichismo, os postulados de Krafft-Ebing (2001) afirmam que seu aspecto patológico relaciona-se à falta de reciprocidade entre o apego a partes do corpo e o sexo. Ausente o objeto investido pela fetichista, torna-se impossível o coito. O fetiche “[...] varia de um indivíduo a outro, e, sem dúvida, é ocasionado por algum incidente que determina a relação entre uma impressão única e a sensação voluptuosa” (KRAFFT-EBING, 2001, p.8).

Os homossexuais, observa Krafft-Ebing (2001), por não corresponderem às características sexuais físicas primárias e secundárias, sofrem de uma anomalia puramente psíquica. Esta é definida como *sexualidade antipática* e se baseia na ausência de “sentimento sexual” pelo sexo oposto. Com efeito, “[...] do ponto de vista clínico e antropológico, essa manifestação anormal apresenta vários graus de desenvolvimento” (KRAFFT-EBING, 2001, p.9). O autor postula que os homossexuais apresentam características psíquicas incipientes. Estas derivam de uma “sexualidade anormal (efeminação-viraginitude)”, podendo apresentar “hermafroditismo heterossexual, no âmbito psíquico”.

Com essa definição organicista, a sintomatologia da perversão progride para uma maior especificidade. Quando Krafft-Ebing substantiva Masoch, Sade e as práticas sexuais

consideradas “perversas”, com tática definida, encerrando suas características em “disfunções biológicas”, erigindo, a partir disto, entidades clínicas de caráter orgânico. Abstrai, em benefício do discurso organicista positivista, toda uma “[...] concepção do homem, da cultura e da natureza, toda uma nova linguagem” (DELEUZE, 2009, p.18).

4 NOTAS ACERCA DA CRÍTICA DE DELEUZE A KRAFFT-EBING

Na literatura da *scientia sexualis* do século XIX, a unidade imposta ao sadismo e ao masoquismo, parece inerente às produções de Sade e Masoch. A respeito desse inatismo unitário entre Sade e Masoch, principalmente nos postulados de Krafft-Ebing, Deleuze afirma que

[...] há uma espécie de masoquismo nos personagens de Sade: em *Os 120 de Sodoma*, são descritos suplícios e humilhações que os libertinos infligem a si próprios. O sádico gosta tanto de ser chicoteado quanto de chicotear; Saint-Fond, em *Juliette*, é atacado e flagelado por homens que ele próprio encarregara disso, e Borghèse vocifera: 'Eu bem queria que meus caminhos me levassem, como se fosse a última das criaturas, ao destino que merece o abandono; inclusive o cadafalso seria para mim o trono das volúpias'. De maneira inversa, há uma espécie de sadismo no masoquismo: no final das suas provações, Séverin, o herói de *A Vênus das Peles*, se diz curado; ele chicoteia e tortura as mulheres, e se quer “martelo” em vez de “bigorna” (DELEUZE, 2009, p.39).

Essa “pretensa” unidade apriorística, é produto, transformação experienciada. Subordinada à experiência, não podem se afirmar furtando-se às possibilidades. Em determinadas configurações, o “masoquismo” dos heróis sadianos, sádicos para a *scientia sexualis*, é limítrofe, sanção, “aparece” pós-exercícios “sádicos”. O “sadismo” das personagens de Masoch “aparece” pós-expição, satisfeita a urgência da expiação. Porém, não obstante, as personagens sadianas, arquétipos da fisiologia positivista do sadomasoquismo, nunca aceitariam ser vítimas masoquistas, e as personagens de Masoch, violentamente substantivadas sob a égide do masoquismo localizado nos “desvios” orgânicos, jamais se submeteriam a um sádico.

As personagens de Masoch intentam educar, persuadir seu “carrasco”. É impossível negar a propensão de algumas personagens de Masoch a infringir dor a outrem,

[...] sem dúvida há personagens sádicos que têm um papel no conjunto da situação

masoquista. [...] Mas esse papel nunca é direto e só pode ser compreendido numa situação conjuntural preexistente. A mulher-carrasco desconfia do personagem sádico que lhe propõe ajuda, como se pressentisse a incompatibilidade das duas atividades (DELEUZE, 2009, p. 42).

Logo, afirmando antecipadamente a unidade sadomasoquista, os postulados da medicina do sexo do século XIX, em especial, como fora assinalado, Krafft-Ebing, erraram ao tomar um resultado, provável entre outros, por sintomatologia positiva. Nesse sentido

[...] não se deve, de modo precipitado, achar que se deu cabo dos problemas de sintomas. Às vezes temos de voltar à estaca zero, para dissociar uma síndrome que confundia e arbitrariamente unia sintomas bem diversos (DELEUZE, 2009, p.41).

Não propondo serem o sadismo, ou o masoquismo, em consonância com Krafft-Ebing e outros, “síndromes” biologizadas, Deleuze questiona, a partir de imersão no vocabulário médico, a intransigência deste discurso. Recorre ao seu núcleo positivo para apresentar as incongruências nas certezas.

O “carrasco” do masoquista, diferentemente do sustentado por Krafft-Ebing, não é, ou finge ser, “sádico” (DELEUZE, 2009). Com base na compreensão da “perversão” como uma possibilidade estilizante de existência, o autor afirma: “[...] cada sujeito de determinada perversão precisa do 'elemento' da mesma perversão, e não de um sujeito de outra perversão” (DELEUZE, 2009, p.43). Longe do determinismo positivista, encerra-se nessa afirmação a relação subjetiva. No masoquismo, o carrasco e o masoquista, enveredam num processo “masoquizante”, distinto do processo sadiano.

Krafft-Ebing substantiva Masoch e engendra um conceito de masoquismo. Com isso, ele une esse conceito, positivamente, com tópica definida, encerrando-o em “disfunções biológicas”, caracterizando-o como desvio, erigindo entidade clínica de caráter orgânico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo foram apresentados apontamentos acerca do conceito de perversão na *scientia sexualis* do século XIX e nos postulados de Krafft-Ebing. Elucidara-se como, a partir do século XIX, com a intensificação do pensamento científico-positivo, imputa-se primazia ao discurso médico sobre as práticas sexuais. Posteriormente, fora apresentada uma breve

configuração da lógica discursiva dos postulados médicos. Como exemplo primaz dessa lógica, fora analisada a *psychopathia sexualis* Krafft-Ebing.

A lógica positiva não limitara-se às práticas sexuais, tampouco ao contexto europeu. A mesma enraizara-se e permanece fundamentando uma gama abrangente de discursos. Instaurando práticas descontextualizadas, biologizantes, caracterizadas, muitas vezes, por violência física e discursiva, os postulados médicos do século XIX, imersos no positivismo, recorrem à verdade outorgada à cientificidade. Esta se mostra escalonante, mensuradora, orientada pelos rígidos padrões matemáticos e anatomofisiológicos, definindo uma raça maldita, os perversos. Incuráveis, senão, pelas práticas médicas. Incorrigíveis, senão pela punição, diluída em tecnologias de “reorientação”. Os perversos, desviados, malogrados, decaídos, personificação do triunfo da animalidade sobre a civilização, criaturas doentes, permearam o imaginário popular do século XIX, exemplificados por mórbidas gravuras estereotipadas pela literatura médica.

THE CONCEPT OF PERVERSION IN SCIENTIA SEXUALIS AND IN KRAFFT-EBING'S PSYCHOPATHIA SEXUALIS

Abstract: The objective of this article is to elucidate the concept of perversion in the *sexualis scientia* of the nineteenth century and in Krafft-Ebing's *psychopathia sexualis*. In order to do this, it starts with a brief contextualization about the european political-economic configuration in the eighteenth and nineteenth centuries. Subsequently it presents analyzes of the epistemological configuration of the medical discourse in the nineteenth century. On the center of this epistemological configuration, what interests us are the fundaments of organic-positivist basis, the *Scientia sexualis*, on the concept of perversion on the nineteenth century. Finally, we analyze the Krafft-Ebing's postulates about perversion.

Keywords: Epistemology of Psychology. History of Psychological Ideas. Sexuality.

REFERÊNCIAS

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. Traduzido por Maria Thereza Redig de Carvalho Barrocas. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

DELEUZE, Gilles. **Sacher-Masoch: o frio e o cruel**. Traduzido por Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Traduzido por Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Traduzido por Maria Thereza Redig de Carvalho Barrocas. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**: curso no Collège de France (1974-1975). Traduzido por Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Traduzido por Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população**: curso dado no Collège de France (1977-1978). Traduzido por Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GÉLIS, Jacques. O corpo, a Igreja e o Sagrado. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques.; VIGARELLO, Georges. (Orgs.). **História do Corpo**: da Renascença às Luzes. Rio de Janeiro: Vozes, 2009. p.19-130.

GIAMI, Alain. A medicalização da sexualidade. Foucault e Lantéri-Laura: história da medicina ou história da sexualidade? **Physis**, Rio de Janeiro, v.15, n.2, p.259-284, 2005.

GRIECO, Sara. Corpo e sexualidade na Europa do Antigo Regime. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (Orgs.). **História do Corpo**: da Renascença às Luzes. Rio de Janeiro: Vozes, 2009. p.217-301.

KRAFFT-EBING, Richard von. **Psychopathia sexualis**: as histórias de caso. Traduzido por Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LANTÉRI-LAURA, Georges. **Leitura das perversões**: história de sua apropriação médica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

ROUDINESCO, Élisabeth. **A parte obscura de nós mesmos**: uma história dos perversos. Traduzido por Andre Telles Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.